

## Encontro e literatura em Alfonso López Quintás

Gabriel Perissé<sup>1</sup>

**Resumo:** A busca do sentido da vida, seguindo o pensamento do filósofo espanhol Alfonso López Quintás, requer um esforço consciente para cumprir as exigências e condições do encontro. Como seres de encontro, podemos fundar campos de jogo (âmbitos) nos quais se revelam os valores humanizadores. Mediante a leitura criativa de obras literárias, descobrimos como ler nossa própria vida como seres ambitalizadores.

**Palavras Chave:** encontro, Alfonso López Quintás, criatividade, literatura, poesia, leitura.

**Abstract:** The search for the meaning of existence according to the Spanish philosopher Alfonso López Quintás demand a conscious effort to fulfill the requirements of the effective encounter. Man is a being of encounter. For this reason, we can create fields of play in which the humanizing values becomes manifest. Through creative reading of literary works we are able to read our own lives and discover that, as human beings, we are “ambitalizadores”

**Keywords:** encounter, Alfonso López Quintás, creativity, literature, poetry, reading.

### Introdução

Àquela tríplice e ambiciosa pergunta, sempre inquietante, sobre nossa origem, essência e destino, podemos responder, com base na obra do filósofo espanhol Alfonso López Quintás (ALQ), da seguinte forma: “vimos do encontro, somos encontro e vamos em direção ao encontro”.

A noção de encontro, portanto, é imprescindível para nossa autocompreensão como indivíduos e como espécie. Na obra de ALQ, é conceito fundamental, conceito por ele recebido na leitura de outros pensadores, mas aprofundado com rigor e lapidado em sua própria reflexão ao longo de cinco décadas. Já em seu livro *Pensadores cristianos contemporâneos*, publicado em 1968, escrevia:

[...] ¿qué implica el fenómeno del “encuentro”? A mi entender, es la relación íntima, dialógica de dos o más seres dotados de personalidad, que se reconocen mutuamente como tales en una actitud de piedad, definida como amor reverente al misterio de los seres profundos. Por ser amor, la piedad une; por ser reverente, guarda la distancia que impone el respeto. La reverencia funda distancia de perspectiva, que indica un cierto grado de dominio sobre la discursividad espacio-temporal. (LÓPEZ QUINTÁS, 1968, p. 297)

ALQ compreende e concebe a pessoa como realidade aberta, ser relacional capaz de dialogar com outras realidades e de criar vínculos que não degenerem em estados de escravidão e em perda de dignidade. Ao contrário, o encontro instaura um campo de jogo, um âmbito de intercâmbios enriquecedores, um espaço lúdico em que experimentamos a autêntica liberdade, mediante a qual concretizamos nossas melhores possibilidades, amadurecemos humanamente.

---

<sup>1</sup> Professor e pesquisador do Programa de Pós-graduação (Mestrado e Doutorado) em Educação da Universidade Católica de Santos (SP). perisse@uol.com.br

O amadurecimento humano requer o exercício consciente dessa liberdade criativa (ALQ distingue esta liberdade da simples liberdade de movimentos, que está na linha das condições materiais do fazer), e à medida que vai sendo conquistado, com naturais idas e vindas, avanços, recuos e regressos (e daí a importância da persistência no bem), esse amadurecimento manifesta seus frutos numa transfiguração pessoal que é, aliás, consequência esperada de uma conduta ética atenta e ajustada às exigências e chamados da realidade.

Em virtude de nossa condição de “seres de encontro” é que, justamente no encontro, experimentamos, em nossa existência, a fecundidade própria dos vínculos valiosos que instauramos com nosso entorno e, de modo especial, com as outras pessoas.

O encontro, conceito nuclear no pensamento lópezzquintásiano, é noção decisiva para compreendermos que opções e atitudes podem levar a pessoa humana a realizar-se como tal ou, caso se façam escolhas equivocadas, a uma progressiva desumanização, num processo de vertigem autodestrutivo.

### **A anatomia do encontro**

Segundo as palavras de ALQ há pouco citadas, destacam-se dois “ingredientes” do encontro, a piedade e a reverência, dois movimentos que devem se articular em nossos relacionamentos. Por um lado, o impulso para a aproximação, para a união, em nome do valor da piedade. Por outro, esse guardar relativa distância, atitude que nasce da reverência e constitui a resposta adequada perante o mistério do outro.

Com relação à piedade, López Quintás relata uma breve história do seu tempo de criança:

*Cuando era muy pequeño, mi madre me sorprendió un día con este recado: “Toma ese bocadillo y llévaselo al pobre que llamó a la puerta”. Yo me resistí porque era un señor de barba larga y me daba miedo. Mi madre insistió: “No es un delincuente, sino un necesitado. Vete y dáselo”. Mi madre quería que me adentrara en el campo de irradiación del valor de la piedad. (LÓPEZ QUINTÁS, 2015, p. 38)*

Episódio autobiográfico singelo mas eloquente. Um homem em dificuldades bateu à porta em busca de alguma ajuda. A realidade de alguém que necessita de acolhimento e auxílio é um chamado para o encontro. Compreende-se o medo da criança diante do desconhecido, mas este medo é superado à medida que se opera a adesão ao valor da piedade. O campo de irradiação que ALQ menciona nada tem a ver com formas de sedução ou manipulação. Os valores atuam discretamente, mas não insidiosamente. O valor não pode ser imposto pela sedução, pela chantagem ou pela força. Um valor imposto não tem valor. A educação que obriga a viver os valores é imoral. E, portanto, não é mais educação. Já o convite a entrar em contato com o valor, torna-se pedagogicamente eficaz.

Quando o valor se faz presente, e o educador atento e sensível nos conduz a entrar em contato com esta presença, sentimo-nos interiormente estimulados. Pois o valor vale por si e tem sua própria luminosidade. Perceber sua presença e o que há ali de convincente e belo é o que nos anima então a optar por um comportamento igualmente valioso. Assumir o valor da piedade nos impele a sair de nós em direção ao outro. O valor torna-se virtude.

O processo de crescimento humano se realiza mediante o encontro. Ao quebrar o nosso hermetismo, saindo do nosso egoísmo defensivo, mostramos disposição necessária para adotar um estilo de viver/conviver que nos humanizará. O valor da reverência garante que esta relação não se banalize na imediatez da fusão. A união fusional anularia a possibilidade de um campo de jogo, submergindo os sujeitos numa situação confusa e descaracterizadora, comprometendo seriamente a liberdade criativa que se exercita no jogo receptivo-ativo do encontro. Para que haja encontro é necessário manter uma distância de perspectiva, vale dizer, um “entre”, um espaço que permita justamente aquela aproximação que a piedade solicita. Para criarmos uma relação com alguém, temos que respeitar e promover sua individualidade, identidade e privacidade. A distância de perspectiva assegura o respeito imprescindível para que se realize o encontro.

No encontro verifica-se sempre a mutualidade. Há um chamado, há uma resposta a esse chamado, e esta resposta torna-se, por sua vez, um chamado a ser respondido. Imaginemos, ampliando “ficcionalmente” o breve relato de ALQ (uma ampliação verossímil), que, ao receber a ajuda, aquele “*señor de barba larga*” tenha dito ao menino: “*muchas gracias!*”. Estaria entrando em jogo outro valor, o valor da gratidão. O gesto de piedade é correspondido com um ato de agradecimento, que está no extremo oposto ao ressentimento.

O mundo sombrio e hostil em que se luta solitariamente pela sobrevivência é subitamente iluminado pelo encontro. Generosidade e gentileza, compreensão e humildade. O ato de agradecimento revela-se como um novo chamado, suscita o desejo de adentrar, ao longo da existência, neste jogo ético (e “jogo” implica diálogo, criatividade) no qual se fundam inúmeros outros campos de possibilidades, a fim de experimentar com cada vez maior lucidez a riqueza do real.

### **Ao encontro da linguagem e da poesia**

O outro não se reduz a mero “objeto de visão” e de uso. A palavra “respeito” remete, em sua etimologia, ao verbo latino *respicere*: “olhar outra vez”. Trata-se, a rigor, de olhar várias vezes, de parar para oferecer atenção, voltar-se em direção a algo que já se ia deixando para trás. Respeitar é levar em consideração, ouvir os apelos que nos são enviados pela realidade, de modo particular pela realidade humana, pela palavra humana.

Mais do que um veículo de ideias, mais do que um meio de comunicação entre as pessoas, a linguagem é “lugar” no qual se criam âmbitos de convivência. Indo um pouco mais longe, a linguagem literária cria um espaço de encontro, um espaço luminoso, uma morada em que podemos habitar respeitosamente, e realizar descobertas de grande qualidade em relação à humana criatura. Para além da inércia dos instintos e dos hábitos, das crenças e rotinas que passam a automatizar nossa conduta, a literatura pode abrir nossos olhos (e ouvidos), revelar modos eminentes de saber, sentir e conviver.

O escritor, que recolhe as palavras e lhes confere novos sentidos, é criador por excelência. Intuí com clareza que somos seres de encontro, que viemos do encontro e ao encontro nos dirigimos. A linguagem literária cria âmbitos interacionais à luz dos quais surge a realidade que se escondia, e se perdia, na correria vertiginosa do cotidiano, nos relacionamentos desrespeitosos (e, portanto, violentos) a que somos submetidos constantemente.

Um romance, um conto literário, um poema são um chamado. Nossa leitura é resposta a esse apelo. Ler um texto literário é atividade que solicita envolvimento: nossa sensibilidade, nossa afetividade, nossa própria linguagem, nossa visão de

mundo, nossa memória, nossa inteligência, e tudo de forma integrada. Sou convidado a ser uma “pessoa total”, a entrar em e a me entregar ao diálogo com um outro “eu” que ali se encontra, que se transfigurou em obra literária: a carne se fez verbo.

A leitura é encontro, portanto. Um poema ou um romance literário não são seres humanos, obviamente, mas também não são coisas das quais se poderia usufruir unilateralmente, objetos a serem manipulados e eventualmente descartados. Trata-se de âmbitos de realidade, de campos de iluminação em relação com os quais o leitor age, não como mero usuário ou consumidor, mas como cocriador. Aprender o significado do que ali se escreveu é insuficiente. Não seria isso autêntica leitura. Leitura de textos literários é interação, é experiência de reciprocidade, porque há uma voz humana nas linhas e entrelinhas daquele texto.

A obra literária tem muito a dizer, mas precisa do encontro para que esse dizer seja reconhecido. Um poema bate à nossa porta. Um conto, um romance, microcosmos paralelos, convidam-nos a participar de um segundo Universo, de uma segunda Criação. De certo modo, a obra literária pede que lhe demos existência, vigência, sentido. Temos de aprender a ler literatura como exercício de invenção humanizadora.

Vejamos um poema de Murilo Mendes, intitulado *Manhã*:

*As estátuas sem mim não podem mover os braços  
Minhas antigas namoradas sem mim não podem amar seus maridos  
Muitos versos sem mim não podem existir.*

*É inútil deter as aparições da musa  
É difícil não amar a vida  
Mesmo explorado pelos outros homens  
É absurdo achar mais realidade na lei que nas estrelas  
Sou poeta irrevogavelmente. (MENDES, 2014, p. 66)*

Para habitar um poema é necessário lê-lo mais uma vez, e outra, e mais uma vez, e uma vez mais em voz alta, e depois de algum tempo voltar a lê-lo. Com piedade e reverência. Aproximando-se para compreendê-lo, e com ele não se fundindo, para que sempre haja um “entre”, um espaço livre para que texto e leitor possam dialogar. Essa dupla atitude faz com que não subestimemos a eventual simplicidade das palavras e imagens do poema, nem desistamos de seus segredos aparentemente indecifráveis.

São duas estrofes. Na primeira, repete-se a expressão “sem mim não podem”. É uma afirmação forte. Teremos que contar com este “personagem”. Um personagem imprescindível. Quem será este, sem o qual as estátuas não podem mover os braços, as antigas namoradas não podem amar seus maridos, sem o qual muitos versos jamais existirão? Esta é a pergunta inicial, a provocação da primeira estrofe.

A resposta, em geral, esconde-se e se patenteia no interior das próprias perguntas. Mas quem deseja descobri-la precisa refazer as perguntas para si mesmo. Reformulá-las interiormente, procurando ir ao seu âmago. Nisso consiste o meditar. A leitura que seja uma forma de encontro requer esse meditar. Um “me ditar”, um “ditar a mim mesmo”, em busca de meus próprios recursos (por vezes incipientes) de sensibilidade, inteligência, cultura, conhecimento. Preciso meditar sobre o que estou ouvindo o poema me dizer. Eu tenho que meditar e me dizer o que as palavras do poema trouxeram ao meu ouvido.

Na segunda estrofe, há três afirmações peremptórias no início de três versos: é inútil, é difícil e é absurdo. O que é inútil? Deter a poesia. O que é difícil? Deixar de

amar a vida, não obstante a desumanidade que mata. O que é absurdo? O legalismo que quer esvaziar o mundo de beleza e verdade. E é por isso que o poeta afirma ser “irrevogavelmente” poeta, advérbio referido a uma lei superior. E que lei irrevogável e inegociável será essa?

Voltemos ao primeiro verso. Nenhuma estátua é capaz de mover os braços (sem o poeta). Estátuas, sozinhas, não podem se mover. Mas com ele, com o poeta, tudo é possível. A estátua está imóvel, como coisa que é. Não tem liberdade para se mover. Contudo, o poeta, nesta “manhã” (este é o título do poema, “Manhã”, aludindo a um novo tempo, a uma vida renovada), o poeta faz com que a estátua se mova.

No nível das coisas, dos objetos que dependem da mão humana para saírem de um lugar para outro – nível que ALQ designa como nível 1 –, as estátuas permanecem estáticas, impassíveis, fechadas em si mesmas. O nível 2 é o nível das realidades que possuem algum grau de iniciativa, é o nível das realidades relacionais, dos âmbitos. As musas, ao contrário das estátuas, são realidades intangíveis e invisíveis que, segundo o imaginário poético, influenciam os artistas e, além de os inspirarem de mil formas (para que produzissem música, poesia, teatro, pintura etc.), podiam sugerir aos reis os melhores argumentos para resolver conflitos entre os súditos, restabelecendo a paz em seu reino.

É inútil tentar impedir que as musas atuem, pois são entidades livres. Também as estátuas, quando começam a mover os braços, expressam um início de liberdade. Sem liberdade não há encontro, e o encontro de certo modo confere vida ao inanimado, flexibilidade ao que é rígido, dinamismo ao que é confuso e desarmônico. O poeta capta a presença irradiante da beleza interior da estátua, e a faz transcender sua mera realidade cósmica. “Sem mim”, afirma o poeta, as coisas continuarão sendo coisas. Não haverá encontro.

Lembremos que Murilo Mendes (1901-1975) era um poeta com forte influência cristã, leitor atento do texto bíblico. Queria, como católico e como poeta, “restaurar todas as coisas em Cristo”. Ecoa neste “sem mim” a frase de Jesus: “sem mim, nada podeis fazer” (Jo 15, 5). No poema, a estátua move os braços, ganha vida, bem como é o amor entre o poeta e suas antigas namoradas a se perpetuar no casamento futuro delas. Em suma, a poesia (os versos que vieram e que virão) surge da união vital do poeta com a palavra criadora.

Todas as coisas são possíveis quando o poeta cria novos mundos, novos âmbitos dentro do mundo. A atividade criadora do artista da palavra nos faz sair da inércia falsamente contemplativa. Uma recepção meramente passiva deixaria inertes a estátua e o poema. Temos de ler participando do jogo dialógico, ou seja, fundando com o poeta um campo de interação que lança luzes (recordemos o título: as luzes de uma nova *manhã*) sobre a realidade, e sobre nós mesmos.

O encontro com o poema é um encontro com o poeta, e é um encontro também com os demais leitores do poema e do poeta. Abre-se, de fato, um campo de jogo comunitário que transcende tempo e espaço. Eu me uno ao poeta ao ler e reler seu poema, e ao estabelecer com este poema um diálogo, ao entrelaçar minhas palavras com as palavras poéticas. Assimilo ativamente as palavras do poema, ofereço minha cooperação interpretativa. O poema, nesse sentido, torna-se uma “coisa viva” e em processo de expansão. Seus braços começam a mover-se também para abraçar novos espaços, novos leitores e novas leituras. O poema enquanto “algo”, como um conjunto de letras impressas no papel do livro (nível 1), torna-se âmbito (nível 2), admitindo a partir daí diversas interpretações e suscitando uma compreensão mais profunda dos humanos que somos.

Ser irrevogavelmente poeta significa ser irrevogavelmente um ser ambitalizador, na medida em que se une às palavras disponíveis, palavras pedestres como “estrelas”, “estátuas”, “braços”, “homens”, para, nesse encontro com elas, fundar uma realidade poemática aberta ao diálogo com os leitores.

### **O sentido do texto, e da vida**

Seres ambitalizadores somos nós, humanos, enriquecendo nossa trajetória de vida ao vivermos de modo consciente nossa condição de abertura e de diálogo com a realidade. Próprio desta nossa condição é, portanto, viver em crescimento, num processo de êxtase, ascensional, entusiasmante (não eufórico, porém, distinção que ALQ enfatiza), processo de êxtase pessoal que seja simultaneamente uma forma de contribuição (o entusiasmo, a propósito, é decorrência também disso) para que, ao nosso redor, valores como a justiça, a generosidade, a solidariedade, a cordialidade etc., atraiam, com discrição mas de modo cabal, mentes e corações.

O peculiar realismo de toda obra literária, mesmo que não se enquadre em formatos que sejam considerados estritamente realistas – ou seja, não convém reduzir o real ao que é retratado por um tipo de realismo *à la* Flaubert, Dickens, Eça de Queirós, ou, para citar autores brasileiros contemporâneos, Rubem Fonseca, Paulo Lins, Fernando Bonassi, Ferréz –, o característico realismo de toda obra literária propõe caminhos para esse crescimento dos leitores, que se constitui em um sair de si sem se perder. Aliás, é ao sair de mim que eu me encontro como pessoa, como ser ambital que precisa, ontológica e eticamente, escapar à tentação do isolamento asfixiante, do narcisismo autodestrutivo.

A leitura é um sair de mim mesmo, sem que eu me torne vítima da dispersão. Ao “entrar” no livro, no sentido de criar com o escritor um campo de jogo dialógico, passo a viver criativamente, lanço-me num processo formativo (e transfigurador), contanto que atenda às exigências próprias do encontro.

Exercendo minha liberdade criativa, tomo a decisão interior de conhecer e assumir os valores que possa descobrir em minhas leituras. Vale a pena esclarecer, no entanto, que estamos muito longe, aqui, da defesa de leituras moralistas ou edificantes, o que nos faria recair na ilusão de dominar e controlar a recepção da arte em nome de “princípios éticos superiores”. Todo texto literário, mesmo que aparentasse ser uma apologia mais ou menos explícita do que há de pior na conduta humana, devidamente lido torna-se fonte de reflexão, inspiração e impulso para o crescimento, sabendo o leitor apreender, ainda que por contraste ou por antítese, os valores humanizadores. Neste diapasão, toda leitura pode tornar-se biblioterapia. É terapêutico viver e ler com olhos ambitalizadores.

A maior frustração humana está em não nos realizarmos como seres de encontro. Está em não sabermos cumprir as exigências do encontro que são irrevogáveis e que, ao mesmo tempo, de modo irrevogável, nos oferecem em contrapartida, quando respeitadas, sinais cada vez mais evidentes de termos ingressado num processo de êxtase, trajetória de progressiva felicidade (sem que isso signifique, necessariamente, ausência de sofrimento e eventuais dúvidas e hesitações). A busca do sentido da vida é o que está em jogo.

O bloqueio de nosso desenvolvimento pessoal se dá quando renunciamos a ser leitores e poetas de nossa própria existência. Em outras palavras, quando nos aferramos ao analfabetismo existencial, quando fazemos leituras sem rigor e sem criatividade dos acontecimentos de nossa própria biografia, quando nos recusamos a dialogar com os valores (os valores são realidades que nos convidam a assumi-los na forma serena e firme de uma conduta virtuosa), optando, ao invés disso, por um

processo vertiginoso que nos prometia, inicialmente, o domínio e o controle sobre a realidade e sobre os demais. A longo prazo, contudo, após nos ter concedido algum sucesso, essas opções egocêntricas “cobram” uma conta exorbitante: o doloroso fracasso se impõe. Um fracasso profundo, um empobrecimento pessoal aniquilador, mesmo que exteriormente (nível 1), num primeiro momento e à primeira vista, tenhamos construído um império de invejáveis conquistas, como aquelas que podem ser obtidas por homens que exploram outros homens (para relembramos um dos versos do poema de Murilo Mendes: somos explorados por outros homens).

Enganosas conquistas, no entanto, porque na maioria dos casos foram obtidas com o sacrifício (inútil) de nossas melhores possibilidades, pela obstrução de nossas preferências profundas (sempre ainda por conhecer) a favor de uma vida plena de alegria e de sentido. Uma leitura criativa de nossa existência (costuma-se dizer: “minha vida daria um livro”) faz com que pensemos nela como uma trama de âmbitos. Somos responsáveis (pois temos de responder de um modo ou de outro) por nosso desenvolvimento pessoal. Se compreendermos que somos seres de encontro, que viemos do encontro e ao encontro nos dirigimos, em nome de que abriremos mão da sedutora ideia dos ganhos egoístas imediatos? É em nome de ganhos imediatos, perseguidos a qualquer custo, que acabamos por rifar valores como a generosidade, a honradez, a veracidade, o amor, a fidelidade... Pois bem, é agora justamente em nome desses valores que uma interpretação saudável da vida (saudável, salutar, pois nos salva do vazio existencial) nos orientará, a fim de que descubramos ideais entusiasmantes que confirmam sentido a cada um dos nossos pensamentos, atos e palavras.

### **Cenas de uma próxima leitura**

A leitura criativa que Alfonso López Quintás vem realizando de obras de vários autores (Samuel Beckett, Franz Kafka, Ionesco, Ernesto Sábato, García Lorca, Saint-Exupéry, Jean-Paul Sartre, Miguel de Unamuno, Herman Hesse, Antonio Machado) obedece a um método, por ele denominado “lúdico-ambital”, com que se põe em ação a capacidade de ler e interpretar obras literárias de qualidade, reconhecendo a presença dos valores numa perspectiva lúdica, não-dogmática.

Por meio deste método, aplicam-se os diversos conceitos que López Quintás nos apresenta em seus livros e artigos: encontro, âmbito, processo de vertigem, processo de êxtase, experiências bidirecionais etc. Tais conceitos possibilitam uma leitura a um só tempo filosófica e propriamente literária, permitindo relevantes descobertas estéticas e éticas.

Para apenas esboçar um exercício a mais de leitura, escolhi o brevíssimo conto de Augusto Monterroso, “Os outros seis”:

*Diz a tradição que num país distante existiu há alguns anos uma Coruja que, à força de meditar e queimar as pestanas estudando, pensando, traduzindo, dando conferências, escrevendo poemas, contos, biografias, crônicas de cinema, discursos, ensaios literários e algumas outras coisas mais, chegou a saber e a tratar praticamente de tudo em qualquer gênero dos conhecimentos humanos, de forma tão notória que os seus entusiastas contemporâneos logo a declararam um dos Sete Sábios do País, sem que até esta data tenha sido possível averiguar quem eram os outros seis. (MONTERROSO, pág. 39)*

A Coruja (no original em espanhol o personagem é um *búho*) dedicou sua vida à produção incansável no campo do pensamento e da leitura. O anseio por dominar o conhecimento fez a Coruja empregar todas as suas energias num ambicioso projeto de aquisição de conhecimento. A pluralidade de publicações, traduções, a pesquisa abrangente, tudo isso lhe valeu, por fim, a homenagem máxima. Sua impressionante dedicação ao saber lhe rendeu o aplauso de seus contemporâneos que, em reconhecimento ao “conjunto da obra”, incluíram-na entre os Sete Sábios do País.

A ironia do texto é que não se conhecem os outros seis sábios. Talvez os outros seis vivam também uns isolados dos outros. A Coruja perdeu de vista o seu entorno. Não fundou âmbitos de convivência. Galgou todas as etapas de sua formação intelectual e, vertiginosamente, depara, em última análise, com a sua glória inglória. Não soube compreender algo mais essencial. Que o encontro com a literatura, a poesia, o cinema, a história etc. era ocasião para interagir com outros animais com quem pudesse conversar, intercambiar ideias, estruturando uma sociedade, um grupo, ao redor de um ideal de busca de conhecimento, formado por alunos e professores.

Os livros, que deveriam aproximá-la dos leitores, converteram-se em obstáculos. Vítima do orgulho (*hybris*), entregou-se ao estudo de modo exacerbado (“queimar as pestanas” é imagem do esgotamento que prejudica a visão), e não soube cultivar a reverência necessária para distanciar-se na hora certa e relacionar-se com outros candidatos a sábios, e não somente com os livros.

Não tomou consciência, a Coruja, de que maior sabedoria haveria praticado se, antes de chegar ao mais alto empoleiramento, tivesse colocado um ponto final (ainda que provisório) em suas leituras e elucubrações, e virado a página.

### **Referências bibliográficas**

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *La cultura y el sentido de la vida*. Madrid: Propaganda Popular Católica (PPC), 1993.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *La palabra manipulada*. Madrid: Rialp, 2015.

LÓPEZ QUINTÁS, Alfonso. *Pensadores cristianos contemporâneos: Haecker, Ebner, Wust, Przywara, Zubiri*. Madrid: BAC – Biblioteca de Autores Cristianos: 1968.

MENDES, Murilo. *Antologia poética*. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

MONTERROSO, Augusto. *A ovelha negra e outras fábulas*. Trad.: Millôr Fernandes. São Paulo: Cosac Naify, 2014.

PERISSÉ, Gabriel. *Pedagogia do encontro*. São Paulo: Factash, 2012.

Recebido para publicação em 11-03-16; aceito em 17-04-16